

Memória do infinito nas *Primeiras Estórias* de Guimarães Rosa

Luísa Freitas¹

A primeira publicação de João Guimarães Rosa após o romance *Grande Sertão: Veredas* (1956) veio alguns anos depois, com *Primeiras Estórias* (1962), contendo vinte e um contos por vezes considerados representativos da dita terceira fase do Modernismo brasileiro. O título indica a intenção de uma retomada de curtas narrativas da forma do conto, além da antiga grafia “estória”, que designa o propriamente fictício, ao invés da palavra “história”, como no vocabulário do inglês ainda sobrevive a diferença *story/history*.

Os contos, assim, têm cada um uma unidade própria, com narradores, personagens, espaços e tempos distintos, sendo independentes entre si. A maioria tem narração em primeira pessoa e têm como espaço, como é de se esperar, localidades indeterminadas do sertão mineiro. Há um único conto com uma descrição espaço-temporal precisa, “Um moço muito branco”, que abre dizendo: “Na noite de 11 de novembro de 1872, na comarca do Serro Frio, em Minas Gerais, deram-se fatos de pavoroso suceder, referidos nas folhas da época e exarados nas Efemérides” (ROSA, 1994, p. 457). Esse tipo de especificação não é comum na obra de Guimarães Rosa; nota-se, então, que não por acaso aparece justamente em um conto fantástico, de maneira que a determinação de

uma data e um espaço geográfico se tornem explicitamente inúteis em termos de *história*.

A maioria dos tempos verbais utilizados em todos os contos é o pretérito, oscilando em geral entre o perfeito e o imperfeito do indicativo. A relação com a morte é um dos pontos presentes entre muitas das personagens, indicando sempre o peso da perduração do passado. No conto “Nenhum, nenhuma”, o uso de itálico em alguns trechos evidencia a busca do narrador por um passado que se esforça por recuperar, mas parece nunca vir, senão em enevoadas lembranças cortadas que se interrompem, permanecendo inacabadas. O jogo entre tempo e espaço evoca o uso de expressões que se referem ao tempo passado como um espaço distante e de difícil acesso, ao qual se retorna como que por um caminho, percurso. A tentativa é a de recuperar o que parece longínquo: “*Então, o fato se dissolve. As lembranças são outras distâncias*”. O título poderia ser *Algum, Alguma*: as personagens são anônimas, ou denominadas segundo alguma espécie de condição, sob a alcunha de Moço, Moça, Menino, Homem velho, Mãe, Pais. O menino surge como “um menino”, depois é “o menino” e somente no terceiro parágrafo passa a ser o Menino. O nome próprio se faz aos poucos, na medida em que a memória evoca a imagem que pouco a pouco se torna mais nítida, mas não rememora todos os detalhes, nem o nome. Moça e Moço, por outro lado, surgem como nomes próprios já na primeira ocorrência de cada um. Apenas Nenha tem nome, a Velhinha, mas mesmo o único nome é inventado, ficção na ficção: “Diziam ao Menino, demonstravam-lhe:

¹ Mestranda na Universidade de Brasília.

que a Velhinha não era assombração, mas sim pessoa. Sem que lhe soubessem, o verdadeiro nome, chamavam-na 'Nenha'." (*Ibidem*, p. 425). A pontuação farta de vírgulas executa um enunciado entrecortado, pleno de pausas de pensamento hesitante, como o de quando se convoca o passado e falha-nos a memória.

Em sua obra única, "Acerca da natureza", o filósofo Parmênides de Eleia estabelece a relação de equidade entre "ser" e "aquilo que aparece", podendo aparecer, no entanto, pela evocação do pensamento:

IV

Vê como o ausente é, no entanto, presente firmemente empensamento;

pois este não apartará o próprio ente do manter-se ente

nem se dispersando de toda forma todo pelo mundo, nem se concentrando.

Assim, o verbo *pháinesthai*, mostrar-se, aparecer, resume a ontologia de Parmênides; tudo aquilo que se faz visível esconde o ser no brilho da aparição. Esconde no sentido de conter e, ainda, de ser necessário certo percurso para que se chegue até ele, como se ficasse no mais interno núcleo daquilo que aparece superficialmente. O percurso se faz da dóxa para a alétheia,

Em "O espelho", a forma condicional se repete do início ao fim. A primeira linha começa com o "Se..." e contém "Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Dúvida?", como que preparando o lugar da incerteza para tudo o que será dito: "Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me

introduziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições" (*Ibidem*, p. 437). O penúltimo parágrafo começa de maneira semelhante, porém ensaiando resposta: "Se sim, a 'vida' consiste em experiência extrema e séria; sua técnica - ou pelo menos parte - exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e a soterra?" (*Ibidem*, p. 442). Termina com "a simples pergunta": "Você chegou a existir?". O parágrafo seguinte, que conclui o conto, responde com a interrogação repetida no começo e no fim: "Sim?". Reitera-se a hipótese afirmativa: "Se...", "Se sim,..." e "Sim?".

A relação de aparição na semântica de alguns termos gregos nos leva ainda à palavra epifania. A ligação não se dá somente no vocabulário do grego antigo, mas ainda na aparição do termo na literatura modernista, transformado em conceito joyciano no romance *Retrato do Artista quando Jovem* (1916), bem como em seu esboço inacabado publicado postumamente, *Stephen Hero* (1944). Epifania vem do grego *ἐπιφάνεια*, *epiphaneia*, que significa manifestação ou aparição arrebatadora.

No centro dessa proposta se encontra uma tradição ontológica a partir da qual existirá o tempo como experiência e, neste caso, como aspecto inerente à vida das personagens - inefabilidade esta que a linguagem tenta fazer emergir em palavras. Esta análise parte de se considerar que o infinito seja a experiência plena do ser. O tempo e suas dimensões se mostram em ausências e presenças e, nesse sentido, delineia-se uma relação com *phainesthai* do filósofo pré-

socrático Parmênides, bem como toda uma
tradição da ontologia.